

AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 7 – CHÁCARA SANTA CRUZ / CASAMENTOS FILHAS

	Página
1 – MUDANÇA PARA A CHÁCARA SANTA CRUZ EM POUSO ALTO	2
2 – ESVAZIAMENTO DOS PINTOS	4
3 - CASAMENTO DAS FILHAS	5
4 – TRABALHO E NEGÓCIOS	9
5 – BEBÉ “FURRICOCA”	9
6 – IDA DE JOSÉ DE ARIMATHÉA PARA O SEMINÁRIO	10
7 – VIAGEM AO PARANÁ	11
8 – ELEIÇÕES EM POUSO ALTO	13
9 – ESCOLA DA PONTE DO CARMO	13
10 – AS GALINHAS E O BOLO ENVENENADO	14
11 – INTIMAÇÃO	15
12 – O CASO DO BURRO RUSSO	17
13 – DÍVIDAS	17
14 – FALECIMENTO DO CAIO	18
15 - VISITA DO ARIMATHÉA	20

Transcrito dos Diários do Vovô Zotinho e Tigró por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

1 – MUDANÇA PARA A CHÁCARA SANTA CRUZ EM POUSO ALTO

Sebastião João, morador na chácara no caminho dos Florentinos e do Ribeirão, há 2 km distante de Pouso Alto, me ofereceu uma chácara, “Chácara Santa Cruz”: uma boa casa com uns 2 alqueires de terra. Estava apertado e me vendia barato: 8 contos de reis. Eu nunca pensei em sair dos Pintos. Falei com ele que não tinha dinheiro. Ele me disse:

– Ô chará, o Dico do banco te empresta o dinheiro.

Uns 4 ofereceram para avalizar: Júlio Brito, Sebastião Lopes de Oliveira, João Neto e Joaquim Lúcio. Falei com ele:

– Vou em casa e volto, vou consultar a patroa.

Ele me disse:

– É negócio urgente. Vamos lá ver a casa.

Eu fui com a Bebé e as meninas. Era uma casa grande, na beira da estrada, do lado esquerdo. Tinha 8 cômodos: 2 salas, 4 quartos, cozinha, despensa, um bom forno na porta da cozinha, um galinheiro, uma horta boa, bem plantada e uma roça de milho embonecado para baixo da casa. Tinha feijão vara em cada touceira de milho, o terreno todo cheio de batatas do sertão, umas 3 ou 4 laranjeiras brancas e para diante, uma ponte do ribeirão em divisa com o Ismael Maciel rio abaixo até encontrar a Doca. Mais abaixo divisa com o Pedro Caruncho e à esquerda, em rumo a estrada de rodagem e por esta acima até encontrar a ponte onde começou e finda. Perto da ponte tinha um paiol, um curral de régua e uma carreira de bambu beirando o rio.

Ele disse:

– Tudo isso por oito contos chará, mas preciso do dinheiro com urgência.

Eu disse:

– Vou consultar a esposa.

Fui chegando lá nos Pimentas e falei com a Maria. Ela achou muito bom e já conhecia a casa e os vizinhos. Falei:

– O dinheiro para pagar o Dico me empresta. Preciso de 15 mil para pagar a escritura.

Maria me disse:

– Vendo umas galinhas para o Antonio Marcelino, ou então você vende adiantado 10 cargueiros de milho para o Hotel.

No outro dia, às 10 horas mais ou menos, apontou na curva do caminho uma mulher. As crianças e a Carmita viram e falaram com a Maria que olhou e disse:

– É uma estranha.

Quando ela chegou em casa, vi que ela era uma viúva que morava em São Francisco, duas léguas para baixo dos Pintos. Era uma freguesa de quando eu negociava lá em baixo. Chegou, me cumprimentou e foi dizendo:

– Só agora é que eu pude vir lhe pagar o que eu fiquei lhe devendo. O Sr. teve paciência comigo.

Desatando o nó do lenço que trazia na cabeça, tirou um embrulho de dinheiro, me entregando. Eu nem lembrava mais da conta e nem sabia quanto a mulher me devia. Contei o dinheiro. Tinha 80 mil réis. Tirei 20 que eu precisava e devolvi 60 para ela dizendo:

– Este é seu, a Sra. leva.

A mulher ajoelhou no terreiro, pôs as mãos postas e me agradeceu:

– Deus e Nossa Senhora do Rosário que lhe pague, Sr. Zotinho. A Maria veio e a convidou para almoçar.

Mais tarde chegaram dois cavalheiros de Silvestre Ferraz para penhorarem meus terrenos, por causa de uma multa de negócio que eu estava devendo há 10 anos atrás. Eram o escrivão e o fiscal do Estado. Eu havia dado baixa na bebida, mas o Coletor de Silvestre Ferraz, cabo eleitoral de Antonio Cole, arrumou esta dívida para eu não ser eleito vereador, o qual fui eleito. Agora de Belo Horizonte veio a cobrança de impostos atrasados. Fui lá em baixo e mostrei os papéis para o papai, o que ele disse:

– É preciso pagar.

Voltando em casa, minha esposa me disse:

– Você deve ir a Silvestre Ferraz consultar esse negócio.

Chegando lá procurei o gerente do banco, Ribeiro Junqueira, meu velho amigo. Ele chamou o seu filho, que era advogado, e falou:

– Ele vai à Coletoria saber do que se trata.

Já era outro coletor. Voltando ele me disse:

– Leva este requerimento para duas pessoas negociantes, seus vizinhos, assinarem.

Chegando em casa levei para meu compadre e primo Antonio Gorgulho e Sebastião Balbino, que eram os negociantes mais pertos de mim. O compadre Antonio me disse:

– Não adianta assinar, vamos fazer uma vaquinha e arranjamos o dinheiro para você pagar.

Voltei para Silvestre Ferraz, levando o requerimento sem assinar. Chegando no Rosário, mostrei ao Zé Ambrósio, meu amigo e negociante há muitos anos, que me disse:

– Eu e o compadre Zé Mota assinamos pra você, me dá aqui.

E assinaram. Levei ao advogado, que me disse:

– Se formos felizes, você me dá 100 mil.

Passado uns 15 dias veio no Minas que o coletor cancelasse as multas e pagasse as custas.

A estas alturas eu já estava com a escritura da chácara em Pouso Alto. Mandeí celebrar uma missa lá em casa, nos Pimentas, para despedir e agradecer a Nossa Senhora do Rosário, tudo que ela fazia por mim. Desci lá em baixo, vendi toda a lavoura e as criações para o Hotelo. Reservei a “piquirinha”, que era o poleiro das galinhas. Vendi a casa para o Tião Maduro, que estava no terreno dele. Arranjei a tropa do Joaquim Mendes para levar a mudança para Pouso Alto, o que ele disse:

– Já estou costumado a carregar mudança, pois em 33 anos de casado, já fiz 30 mudanças.

Eu, com quase 50 anos de idade, era a primeira mudança, dos Pintos para Pouso Alto. Ia contente e satisfeito por ver a alegria da família. Eu também, desde pequenininho, lidava em Pouso Alto, e conhecia muita gente. Mandeí o Joaquim Mendes na frente, juntamente com as meninas. Eu fui atrás com a Maria, carregando o Arimathéia. Na passagem da cidade, ao escurecer, lembrei-me de quando São José foi para o Egito. Enxerguei em minha esposa, Nossa Senhora, carregando o Menino Jesus no colo. Minha mãe contava, quando eu era pequeno, que São José com Maria atravessaram a cidade de Jerusalém e foram morar no arrebalde, em uma casinha modesta.

Chegamos lá, achamos tudo arrumado e a janta feita pelas meninas que chegaram mais cedo. O Joaquim Mendes estava arranchado no quartão, que tinha uma porta para o terreiro. Soltou a tropa no corredor.

Para lá da ponte estava o terreno do Maciel, que divisava no alto com os Florentinos, terreno do Zeca Paiva, onde ele já estava morando. Vinha todos os dias cedo trabalhar na farmácia. Na frente da casa tinha a estrada que ia para o Campo Alegre, onde moravam os filhos do Sr. Banico e Dario, filho do Zé Paulino. Mais em cima morava o Sr. Valério, um preto velho com seus filhos Avelino, Valério e outros. Mais tarde eu arrendei um bom pasto do Valério. Alaíde, Dorinha e Terezinha tiravam leite e vendiam na fábrica para o Sr. Nestor Passos, do outro lado do caminho do Ribeirão.

Ali perto da casa era o retiro do Sr. Ismael, que tinha uma casinha na beira do caminho. Pelo lado de cima da estrada, pra cá da ponte, na beira da estrada, fechada com muros, havia um grande portão, onde o Sebastião João apanhava água. Eu também apanhava água lá. Pra lá da ponte, uns 200 metros, era a fazenda do Sr. Ismael Maciel. Nos pés do morro da estrada dos Florentinos, à direita, em baixo, a estrada que vai para o Ribeirão. O pasto de bois do Sr. Ismael, um dos grandes fazendeiros da região, dividia com José Hemórgenes, ali perto do Pedro Caruncho, até o alto do Itororó e por este abaixo, em divisas com José Capistrano de Paiva (Zeca Paiva), até o rego do moinho, para baixo da estrada dos Florentinos, até encontrar as divisas com Juca Vilela e Porfírio da Fonseca e mais acima com o Jéco Junqueira até o alto da fazenda dos Pessegueiros.

Alto abaixo até encontrar a Doca e com esta abaixo até encontrar a volta do ribeirão em divisas comigo, onde começou e finda esta demarcação.

Ismael Maciel, homem bravo e sistemático era muito trabalhador. Não gostava de camaradas, ele sozinho é que gostava de fazer tudo. Não ia à casa de ninguém, nem dos filhos. Passando na porta de casa para tirar leite, a Maria o chamou e falou com ele para vender dois litros de leite e ele falou:

- No retiro não vendo leite, mas dou dois litros de leite pra senhora até arrumar outro jeito. Manda as meninas pegarem o leite no curral, mas não precisa entrar lá. Passado umas duas horas, ele mesmo veio trazer o leite, dizendo:

- Não quero essas crianças no retiro, meu gado é bravo.

Por esta ocasião, O Sr. Paiva já estava morando nos Florentinos, 1 Km pra lá da chácara.

2 – Esvaziamento dos Pintos

Lá nos Pintos estava desfalcando o pessoal:

- Hotelo passou a fabrica e veio morar no Rosário.
- Papai estava de novo na Casa Grande, mas desta vez, quase sozinho, pois o seu amigo João do Morro já tinha morrido.
- Miguel Gorgulho veio morar em São Lourenço.
- Tia Glorinha também veio com a família para São Lourenço.
- Antonio Gorgulho, casado com Ana Gorgulho, também em São Lourenço.
- Augusto Lauer, casado com Sinhá Vilena, foi morar no bairro Carioca em São Lourenço.
- Rodolfo Lauer, casado com Carmem Gorgulho, morreu.
- Sebastião Balbino, viúvo, com três filhos, casou-se com Gloria Gorgulho. Morava lá em baixo perto da capela e negociava a sociedade com João Negreiros e Antonio Marcelino.
- Rafael Gorgulho casou-se com Geralda Fernandes. Morava para baixo da capela.

- Catarina Gorgulho , casada com Pedro Virgilino, foi para São Lourenço.
- Maria Gorgulho, casada com João Virgilino, morava em São Lourenço.
- Zuzú Gorgulho, casada com Afonso, era diretora do Grupo do Rosário.
- Gabriel Gorgulho, casada com Ana Balbino, foi morar no Aterrado, nas divisas com a Ponte do Carmo, hoje Estação Américo Lobo.
- José Bartolomeu com a família foi para Luminária com o Niquinho.
- Cumpadre José Gorgulho veio para o Aterrado, tomar conta da fazenda do Joaquim Pereira de Castro, o “Nhozinho”.
- Miguel Gorgulho casou-se em São Lourenço, com uma viúva moça, sem filho, filha do Sr. Vitor, fazendeiro no Campo de Aviação. Foi morar no Aterrado arrendando uma grande parte do terreno do “Nhozinho”, por muitos anos, para tirar madeira. Trouxe para o Aterrado os irmãos, os cunhados e muitos camaradas dos Pintos, dando serviço para todo o povo da redondeza.

O papai, lá na Casa Grande, repartiu o resto do terreno para seus 12 filhos. Deu a Casa Grande com uma área de terra para sua esposa Maria Rita Vilela Negreiros. Veio morar com ela e seus 5 filhos em São Lourenço.

Carmita, com sua filha Alda formada professora, vieram para Pouso Alto comigo. Eduardo ficou nos Pintos, negociando com o Tião Maduro. Dos meus irmãos, só ficaram nos Pintos, o João Negreiros. Fez uma boa morada na Doca, para cima da Casa Grande, na parte de terra herdada do pai. Mais tarde comprou as partes de todos os irmãos.

3 - CASAMENTO DAS FILHAS

3.1 – Casamento da Dorinha

Zé Bartolomeu, antes de ir para Luminária, foi lá na Chácara, buscar a Dorinha para lecionar no lugar da esposa dele nos Pintos. Levou a Dorinha para fazer exame em Maria da Fé com o prefeito Arlindo Zarone. Chegando lá no hotel, encontrou um senhor mecânico e radialista que tinha ido arrumar o rádio para o prefeito. A Dorinha em conversa com ele, perguntou:

– O Sr. é o Geraldo Lima?

Ele respondeu: – Sou, e a Srta. quem é?

Ela disse: – Sou a filha do Zotinho.

Ele lembrou, levantou e veio: – Ah! Você é a Dorinha!

E conversaram muito.

Tenho três filhas professoras, que tiveram dois anos de escola nos Pintos. Mas com a leitura de histórias e romances e escrevendo sempre, liam e escreviam bem. Dorinha foi examinada pela irmã do prefeito, que fazia as perguntas, ela ia respondendo tudo e confirmando com um sorriso. O prefeito disse: – Este teu sorriso, menina, vale dez. Dorinha foi para os Pintos, lá com a Carmita e lecionou uns seis meses lá.

Passado um certo tempo, eu comprei uma charrete da fábrica de Itajubá, a qual o Geraldo veio trazer, passando lá pela Barra e pelos Pintos. Geraldo chegando lá em casa, foi bem recebido por todos. Fazia muito tempo, quase dez anos, que não nos encontrávamos. Ele falou que queria casar com a Dorinha. Consultando meu pai ele me disse:

– Não deve fazer o casamento.

Geraldo soube e escreveu-lhe uma carta muito melosa. O papai não deu a resposta da carta. Dorinha sabendo de tudo, me disse:

– Eu quero casar com ele.

Chamei o Geraldo, tratei o casamento e fomos fazer em Aparecida do Norte. Levei o vigário, Padre José Costa Campos. Fez o casamento no altar de Nossa Senhora Aparecida.

O Niquinho foi junto e contava que eu disse:

– Minha mãe, aqui está tua neta, toma conta dela.

Acabaram de casar, entraram no automóvel, e foram para Itajubá. Passado uns dias a Dorinha mandou pedir que uma das irmãs pra ficar com ela. Levei a Terezinha.

3.2 - Casamento da Alaíde

Nesta ocasião, o prefeito de Pouso Alto, Dr. Silvio, ofereceu para minha filha Alaíde lecionar na Ponte do Carmo. Ela já havia lecionado uns tempos nos florentinos no lugar da D^a Lazarina. Alaíde, a mais velha de minhas filhas, foi criada sem remédios. Era de muita saúde e pau para toda obra. Alaíde com quatro anos já carregava a Bebé nas costas. A Bebé batia as pernas e dizia:

– Anda Alaíde, para alcançar as outras.

Alaíde com 11 anos já tirava leite. Era a minha retireira na Casa Grande. Os camaradas amarravam as vacas e ela tirava o leite. Um dia amarraram uma vaca holandesa grande com os dois pés juntos em baixo. A vaca escorregou na calçada e pranchou em cima da Alaíde. Ao cair Alaíde puxou a lata de 15 litros, que era de ferro batido. Foi o que valeu, pois escorou a vaca e Alaíde ficou de um lado. Eu pensei: – Fiquei sem a retireira. Mas, passou uns oito dias e a Alaíde já estava de volta, agachada tirando o leite.

Eu comprei um ciliãozinho com encosto atrás, o qual ela andava muito bem. Mas quando era hora de empenho, para cercar uma vaca, ela abria as pernas e enfiava a mão no encosto para ter mais firmeza. Tirei o encosto do arreio e pus estribo do outro lado. Para a Alaíde não tinha tempo ruim, sempre alegre, contente e obediente. Era umas das primeiras damas dos bailes lá dos Pintos. De tarde, quando chegava em casa, contava tudo o que tinha acontecido durante o dia para a sua mãe. Algumas vezes, eu ouvindo lá do quarto, dava risada. Algumas vezes, um compadre meu lá dos Pintos, passava de madrugada, com os burros de latas e as duas filhas na garupa, para tirar leite e dizia:

– Ei compadre, consola comigo, quem não tem burro, puxo com égua mesmo.

Nesta ocasião a Alaíde lecionava no Carmo. Ficava com o Gabriel Gorgulho na casinha da escola, para lá do pontilhão. Mais para cá, na Fazendinha, moravam os dois irmãos Nhonhô e Caio e a prima Maricas, que foi criada com eles desde pequena. Todos os três eram solteirões. Gostavam muito do gênio alegre da Alaíde. Davam leite, todo dia, à vontade, para ela, e muitas frutas: goiabas, laranjas, etc. Alaíde ia sempre jogar víspera lá. Ia com o Gabriel e o Sr. Costa, que era agente aqui na Estação. Logo depois o Gabriel mudou-se para Cristina. Alaíde levava uma das irmãs para companhia. O Arimathéia também vinha ficar com ela.

Sr. Caio gostava de passear com ela na linha, em frente à casinha. Um dia ele me falou:

– Posso ir lá conversar com Alaíde?

Respondi:

– Perfeitamente Sr. Caio, conheço o Sr. e minha filha. Que o Sr. seja o protetor dela aí.

Caio, homem bom e caridoso, rico e humilde. É filho do Dr. Albertino, médico da Marinha, neto do Barão de Pouso Alto ¹. Foi criado no Rio de Janeiro. Com a morte do pai, vieram o três irmãos morar na fazenda da Ponte do Carmo.

Caio cantava muito bem. Muito educado e alegre, gostava de contar anedotas e piadas engraçadas. Os camaradas arrendeiros e o povo todo gostavam muito dele. Um dia, chegando lá em casa na Chácara, entrou e foi falando:

– Estou muito acostumado com a Alaíde e gosto dela. Vim pedi-la em casamento. Quero me casar com ela.

Eu chamei a Maria e a Alaíde e elas combinaram o casamento.

Alaíde falando com ele sobre religião, ele disse:

– Para mim todas as religiões são boas. Eu sei que sou batizado.

E contou um caso de uma alma que foi para o céu e lá na porta com São Pedro dizia: – Eu fiz isto, eu fiz aquilo. Mas São Pedro não abria a porta. A alma então foi contar uma historia para ele e falou de sua mulher. São Pedro abriu a porta e disse:

– Você aturou mulher, pode entrar.

Nós achamos muita graça, mas Alaíde falou com ele:

– Precisa confessar para casar.

Ele disse: – Então você me ensina.

Era uma alma grande o Sr. Caio.

Alaíde foi com o Caio à igreja para ele fazer a primeira comunhão. Alaíde conversou com o padre e contou mais ou menos sobre o noivo. Ela saiu ele chegou no confessionário. Saiu alegre e satisfeito, gostou muito da confissão. Cumpriu a penitencia e no outro dia comungou com muita devoção.

Na véspera do casamento ele me deu o titulo de eleitor para eu arrumar o casamento no civil. O escrivão não quis fazer porque precisava do registro de nascimento.

¹ Barão de Pouso Alto O 2º barão de MONTE VERDE foi [Joaquim Pereira da Silva](#) natural de MG. Era filho de José Pereira da Silva, natural de Vila Nova de Gaya e de Maria Pereira da Silva. Casou com sua prima Rita Pereira da Silva, viúva do barão do POUSO ALTO que era filha de Miguel Pereira da Silva e de Isabel Pereira da Silva. Era Comendador da Imperial Ordem da Rosa.

Barão do MONTE VERDE, conforme retificação ao ANB no "Titulares do Império" por Carlos G. Rheingantz, RJ 1960, páginas 112 a 121.

Adenda

Joaquim Pereira da Silva- agraciado com o título (Dec 15.10.1872) de Barão do Monte Verde. Título de origem toponímica. Filho de José Pereira da Silva, natural de Vila Nova do Gaia, Portugal, e de Francisca Nunes da Conceição (*). Nasceu em Pouso Alto-MG e faleceu a 15.12.1890 no Rio de Janeiro-RJ. Depois de 1868 casou-se com sua prima Rita pereira da Silva, baronesa viúva do Barão de Pouso Alto, falecida a 01.05.1895 em Jundiá-SP , filha de Miguel Pereira da Silva e de Isabel (Pereira da Silva) que, por este casamento, tornou-se a Baronesa de Monte Verde.

Eu fui com o padre HÉlvio e arranjei para ele fazer o casamento na igreja e o contrato civil ficaria para depois. Casaram na igreja de Pouso Alto e os noivos e convidados foram almoçar na Chácara De tarde, no mesmo dia, embarcaram para o Rio.

3.3 – Casamento da Terezinha

Nessa ocasião, a Terezinha foi pedida em casamento por Francisco Pereira, em Itajubá. Fiz o casamento da Terezinha lá na casa da Dorinha. Tirei um passe na Estação de Pouso Alto para Itajubá, para umas quinze pessoas, ida e volta. Foram também o Sr. Caio com a Alaíde e Darci Miranda, de São Lourenço, o qual foi padrinho.

3.4 – Casamento da Iolanda (Landinha)

Em 1954 casou-se a minha filha mais nova Iolanda Negreiros, com José Nogueira, do município de Virgínia, família dos Gonçalves. No dia 3 de janeiro, na igreja de Pouso Alto, foi feito o casamento pelo padre HÉlvio. Teve um jantar na casa da Bebé, na Farmácia Paiva. Na tarde do mesmo dia os recém-casados foram para São Lourenço em lua de mel. Vieram morar comigo na Ponte do Carmo. Fiz uma casa para eles no Cafundó, perto do retiro.

José Ferreira, moço criado na fazenda e no trabalho, sabia fazer qualquer serviço. Tomava conta do retiro e ajudava a Alaíde a tirar o leite. Fazia os feixes, roçava os pastos e preferia “cerca gado no mato do que marca gado no curral”. Nasceu aqui no Carmo a sua primeira filha Maria Salete. Depois mandei o José e a Landinha para o sítio do Eduardo e Niquinho, no município do Bananal, estado de São Paulo, para ajudarem no trabalho tirando lenha. Lá nasceu a segunda filha: Fátima. Voltando de lá foram morar no Palmeiras, onde a Landinha lecionava na Escola Rural do Município de Virgínia. Lá nasceu a terceira filha: Terezinha. Do Palmeiras foram morar no terreno que ele herdou do pai, já falecido, e de lá foram para o Taboão, município de Passa Quatro. Em seguida foram tomar conta da fazenda de seu primo Vicente, no município de Taubaté, onde nasceram seus filhos: Geraldo, Eliana e Márcia. De lá, voltaram para o Carmo, onde nasceu Maria Clara.

Hoje moram em minha casa, na beira da linha, perto do pontilhão. São vizinhos comigo, que moro na Estação de Américo Lobo, com duas filhas solteiras: Zuza e Glorinha. É uma grande e confortável morada, com a Escola Melo Viana, regida pela professora Maria de Jesus Negreiros.

VERSÃO DA TIGRÓ: Noivado / Casamento da Landinha

Em outubro de 1953 a Landinha ficou noiva do filho da D^a Ludovina, viúva, mãe de 11 filhos, dona de uma fazendinha perto da Fazenda do Pinhal. O enlace foi marcado para ser realizado no dia 27 de janeiro de 1954, aniversário do papai.

Em novembro eu fui para o Paraná com o trato de vir assistir o casamento da Landinha. Dorinha bordou uma toalha de mesa para o banquete e mais um jogo de quarto muito lindo para presentear a Landinha. Nesta época nasceu o Cláudio, oitavo filho da Dorinha. Fiquei lá até o dia 20 de janeiro. O Paulo, enteado da Dorinha, estava no Batalhão de Itajubá, foi passear lá e eu vim embora com ele.

Cheguei aqui e mamãe contou-me que o casamento da Landinha já tinha sido realizado no dia 3 de janeiro de 1954:

– Foi antecipado para aproveitar a data do aniversário do José, meu filho, que veio do Seminário. Ganhou de presente passar o aniversário em casa com a família e graças a Deus teve bom. Fiquei uma semana na casa da Bebê em Pouso Alto preparando a festa. A Donana, minha irmã, me ajudou muito. Fizemos a rosca “fatia da rainha”, bolos, sequilhos, doces. Teve um café com muita fartura para todos os convidados e um jantar para nós da família. Dormiu muita gente na casa da Bebê. O Sr. Paiva foi muito cortês, deixou a casa à nossa disposição.

Então a Landinha casou-se e mudou para a casa da sogra no ano de 1954. Em maio do mesmo ano papai fez uma casinha perto do retiro e foi junto com a Alaíde na casa da D^a Ludovina. Convidou o Zé e a Landinha para virem morar aqui. Eles vieram.

4 – TRABALHO E NEGÓCIOS

Por esta ocasião vendi a minha parte nos Pimentas para o Tião Maduro, por 12 contos. Recebi 4 contos em gado e uma charrete e um cavalo. O restante, ganhando juros baratos. Levei o gado para Pouso Alto. Arrendei um pasto de uma viúva para cá da Doca, perto da cidade.

Comprei do Porfírio da Fonseca um velho balcão que ele tinha negociado. Na sala de minha casa abri um negocio de molhados. Sempre gostei de trabalhar e fazer os outros trabalharem. O Sr. Ismael me deu uma parte do brejo, para cima da fazenda, pelo córrego acima até o Juca Vilela. Era um terreno novo que nunca tinha sido plantado. Botei o pessoal roçando o capituval. Tinha alguns lugares que dava água pelos joelhos. Após roçado, abri uns córregos para enxugar o terreno. Plantei o arroz, tratei e no fim do ano foi uma grande colheita de arroz. Bati o arroz ali na roça mesmo, para cima do córrego.

O Sr. Ismael, com seu carro e uma boiada aparelhada, vermelha, que ele mesmo amansou, disse:

- Eu vou lá buscar o arroz para você.

Foi, enchia o carro e trazia.



5 – BEBÉ “FURRICOCA”

A Bebé nos Florentinos gostava de passear. O Sr. Paiva, com a farmácia e a Prefeitura na Estação, passava o dia por lá e de tarde ia para os Florentinos. Um dia, ele a cavalo vindo da Estação, encontrou a Bebé chegando da cidade. Ele zangou com ela e tocou o cavalo. Ela voltou atrás dele. Ele passando lá em casa falou para as meninas na janela:

- Fala para a sua mãe fechar a mulher aí, que ela está muito furricoça.

Eu lá no paiol, perto da ponte, escutei a gritaria dele. Daí à pouco veio a Bebé de carreirinha, passando a ponte.

Eu a chamei: - Venha cá.

Ela disse: - Não papai, eu preciso ir, o Zeca já foi.

Eu falei: - Volta aqui minha filha, entra aí com sua mãe e não me saia da porta para fora sem ser com seu marido.

Ela disse: - Ele não vem papai, o Zeca é teimoso.

De tarde veio o Dito, seu filho, sondar a Bebé. No outro dia o Zeca passou de madrugada para Pouso Alto e voltou tarde da noite. No segundo dia tornou a passar de madrugada. De tarde, às 4 horas, a Bebé aprontando o jantar, da janela da cozinha, falou:

- O Zeca vem lá no Pedro Caruncho.

Chegando, ele entrou, veio na cozinha e falou com a Bebé: - Já sarou?

Ela com seu ar de riso falou: - A janta está pronta.

Eu cheguei, pus uma cadeira na cabeceira da mesa para o Sr. Paiva. Vieram todos e jantamos alegres e contentes.

6 – IDA DE JOSÉ DE ARIMATHÉA PARA O SEMINÁRIO

José de Arimathéa, com 5 anos, tinha um cachorro branco, pintado de preto, que era o seu companheiro para brincar na grama em frente a janela do meu quarto. Ele deitava junto com o cachorro e rolava para lá e para cá. O cachorro saía e depois vinha de carreira saltando em cima dele. Ele levantava, o cachorro pegava por trás na bunda dele e ele puxava para frente. O cachorro tinha mais força que ele e o puxava para trás.

Chegava um pretinho, filho do Barra Mansa, pouco maior que ele e chamava:

– “Bamo nada Zé”?

Arimathéa falava:

– Espera aí, vou falar com a mamãe.

Maria não gostava que ele fosse nadar. Ele vinha e pedia para mim, mas voltava e falava com a mãe:

– O papai deixou mãe.

Ela dizia: – Então vai.

Muitas vezes ele estava vindo do rio e chegavam os colegas da cidade:

– Vamos nadar Zé?

Ele não ia sem falar com sua mãe. Mas falava e ia.

Com 6 anos entrou no Grupo. Almoçava, saía para a cidade e voltava tarde. Algumas vezes a professora pedia para eles levarem as coisas para o Grupo. Era lenha, abóbora, batata, o que quisessem. Lembro uma vez que a Maria arrumou uma abóbora no saco para ele levar. Ele saiu com a abóbora no saco, mas não estava agüentando. Ali adiante, perto do Pedro Caruncho, passou um cavaleiro do Ribeirão, que pegou a abóbora e pôs ele na garupa. Quando ele chegou, contou para a mãe que foi o Abraão Basílio.

Com 10 anos, tirou o diploma no Grupo. Ele queria estudar para padre. Mandei saber no seminário de Campanha. Disseram que este ano não tinha mais vaga.

Pus ele escrevendo em casa. Copiava poesias, contos e histórias. Pus ele também para trabalhar. Comprei um mato do Sr. Alfredo. Ele cortava lenha e puxava em uns 3 ou 4 cavalos. Ele com o Tigrilo e Zé Afonso tiravam a lenha do mato e punham na estrada para o Sr. Ismael ir buscar de carro. De tarde traziam uma viagem para casa nos cavalos.

Tinha um menino da idade dele, Aluisio, vizinho ali perto, que gostava de ajudar o Zé a buscar os cavalos no pasto. Tinha um cavalinho bravo chamado Bainho, que quando ia pegar, costumava virar a bunda e dar coices. Um dia, o menino Aluísio foi sozinho e veio a cavalo no Bainho. Chegando contou para o Zé:

– Ei Zé, ele deu um coice em mim, que espichou tudo. O Sr. Ismael é que pegou ele para mim.

Nas festas juninas o padre HÉlvio convidou o padre Pedro, da congregação Barnabita de Caxambu, para vir ajudar nas confissões em Pouso Alto. Maria, conversando com o padre Pedro, mostrou o Zé, que queria ser padre. Ele disse:

– Nós temos o colégio em Caxambu, vou conversar com o diretor e mandarei o estatuto.

Passado uns dias recebi uma carta do padre Sisnando, o diretor do colégio. Mandou o estatuto e disse que podia mandar menino e que faria o que puder por ele.

No estatuto dizia o que precisava e a disciplina do colégio. Não tinha férias. Pedia um atestado de boa conduta. Eu falei com o Zé:

– Vamos deixar para o ano?

Ele falou:

– Ah, papai, ao menos eu aproveito este resto de ano para fazer o admissão.

Gostei da resolução do menino. Falei com a Maria:

– Arruma a mala para ele ir.

Ela fez tudo resumido: uns 2 ou 3 pares de meias, 2 ternos, 2 toalhas de banho, 2 toalhas de rosto, cobertor, lençóis, fronhas, 1 par de sapatos, 1 de chuteiras e miudezas: sabão, pasta de dente e uma caixa de pé-de-moleques. Comprei o par de chuteiras em um sábado e no domingo teve um jogo no campo do Pedro Caruncho: Florentinos x Chácara. Ele foi escalado no time da Chácara. Jogavam descalços. Ele me pediu:

– Posso calçar as chuteiras papai? Lá tem muitos espinhos. Eu deixei. A Chácara bateu de 3 a 1.

No outro dia fui na cidade e arranjei do Vicente Paiva o seu automóvel para levar o Zé em Caxambu. Fui no padre HÉlvio, que gostava de passear:

– Quero que o Sr. leve o menino lá no colégio em Caxambu.

Falei com o Zé:

– O que você for precisando lá, você me peça.

E foram. Levou uma batina e capinha. Na volta o padre HÉlvio trouxe-me uma bonita carta do padre diretor que dizia:

– Acabo de receber o seu menino. Tive ótima impressão dele. Respondeu minhas perguntas com clareza e firmeza.

Pedia-me para assinar um documento que dizia:

– Dou, com toda satisfação e alegria, o meu filho para ser padre. Até a 4ª série do ginásio eu ajudaria no que pudesse e da 4ª série em diante, as despesas correriam por conta da congregação.

Passou três anos sem vir em casa, mas todos os domingos recebíamos carta dele. Fez admissão no final do ano e entrou para o 1º colegial. Até no meio do 1º ano ele foi muito apertado, mas depois ele pegou o quadro de honra e foi até o fim em 1º e 2º lugares.

7 – VIAGEM AO PARANÁ

Estava morando lá em Maringá a minha madrasta Maria Rita de Vilena Negreiros, com 4 filhos. Só ficou a Maria, que é a Irmã Ângela aqui em Resende. O Zé Augusto trabalhava em uma fábrica, o Tomás no Banco do Brasil e o Afonso no Campo de Aviação. A Maria Tereza lecionava em uma colônia japonesa.

O Chiquinho, meu genro, trabalhava na gráfica e o Geraldo era rádio-técnico, fazendo rádio e vendendo para o povo. Eu ouvia falar:

– Você não vai mudar para o sertão?

Eu dizia:

– Sertão é aqui, lá tinha mais gente e mais movimento.

Outro dia o Geraldo me convidou para um passeio. Fomos em Campos Mourão e andamos por lá. Fomos até o rio Paraguai, divisa do Paraguai com o Brasil. Para lá sim, era sertão. Passava-se um capoeirão e mais adiante uma grande serraria ao lado de uma casinha de taboa no meio do Matão, onde morava o fazendeiro. Deixei a Glorinha lá e trouxe a Abigail. O Geraldo falou:

– Amanhã cedo vou levá-los à Londrina, de lá vocês vão de avião.

Saímos de madrugada de Maringá e às 9 horas estávamos em Londrina, no campo de aviação. O avião para São Paulo já havia saído, o que eu gostei, pois estava com medo. Falei para o Geraldo:

– Me leva na Estação que o trem de São Paulo ainda não passou. Eu vou embarcado mesmo.

Chegamos na baita estação e almoçamos lá. Eu estava tonto de ver tanta gente. Geraldo foi embora e fiquei com a Abigail. Chegou o trem. A plataforma estava cheia de gente para embarcar e foram invadindo. O trem encheu. Abigail, na minha frente, enfiou-se no meio do povo para embarcar. O chefe a pegou pelo braço:

– Você vai comigo na bagagem.

Ela disse: – Tem o vovô ali para trás.

Ela me chamou e o chefe disse para entrarmos e me deu uma cadeira perto da janela, pois estava fazendo muito calor. Abigail forrou o chão e deitou.

Em viagem o chefe disse:

– Lá em Ourinhos não precisa comprar passagem.

Eu comprei passagem até Ourinhos. Chegamos a São Paulo às 2 horas e o trem da Central que saíria para Cruzeiro neste horário. O chofer da Sorocabana disse:

- Entra depressa, que dá tempo de pegá-lo ainda. Ele espera uns minutos. Fomos chegando na Estação e o trem estava saindo. Eu embarquei com a Abigail e o chefe disse:
- Me dá o dinheiro que eu compro a passagem para Cruzeiro.

Passamos em São José dos Campos já de noite. A nossa classe não tinha luz, estava no escuro e tinha pouca gente. Abigail arrumou o banco e deitou. Eu também estava folgado e vim cochilando. O trem chegou em Cruzeiro, o povo desembarcou e nos dois ficamos dormindo. O trem ficava lá em Cruzeiro. O guarda-freio entrou para revistar o carro e falou para o companheiro:

- Ei, tem um velho e uma menina aqui.

Eu acordei e descemos. As luzes da Estação já estavam apagadas. Eu vi no fim da plataforma uma luzinha. Chegamos lá, tomamos uma xícara de chocolate bem quente. Embarcamos de madrugada em nosso trem mineiro e às 8 horas estávamos em Pouso Alto.

8 – ELEIÇÕES EM POUSO ALTO

Chegamos em casa e estava na véspera da eleição da Estação com Pouso Alto: Igídio de Lucas e Zé Pires. O 1º Juiz de Paz foi sempre o Sr. Paiva, que era o mais votado de todos. Os candidatos da Estação eram o Sebastião Ribeiro Nogueira, que em combinação com os companheiros da Estação, deram a ele os outros 2 candidatos com 50 votos cada um. Sebastião Nogueira era afilhado de batismo de minha esposa e muito bom homem, religioso, a quem eu devia certas finezas.

No dia das eleições falei com o Sr. Paiva:

- São 4 votos lá em casa, eu e minha esposa votaremos no Sebastião Nogueira e as duas meninas pegam as suas cédulas.

Eu saí para votar lá na sala da eleição e as meninas chegaram dizendo que o Sr. Paiva não quis dar as cédulas a elas.

Então eu pus a mão no bolso e dei a elas as cédulas do Sebastião Nogueira. No fim da apuração o Sebastião ganhou por 4 votos. O Sr. Paiva perdeu por não querer dar as cédulas para as meninas, pois se ele desse, empataria, e como ele é mais velho, ganharia.

Mas em compensação ganhou o Sr. José Pires para prefeito de Pouso Alto, candidato do Sr. Paiva. O Sr. José Pires trouxe o Fórum e a prefeitura para a casa do Dr. Joaquim Bento, onde se acha hoje. Governou Pouso Alto por 12 anos como prefeito.

9 – ESCOLA DA PONTE DO CARMO

Por esta ocasião, o Dr. Silvio, prefeito da Estação, deixou a escola da Ponte do Carmo sem professora. O Zé Gorgulho levou as carteiras da casinha e pôs na fazenda do Aterrado, colocando um camarada arrendeiro da fazenda para morar na casinha.

Fui lá com o Sr. Paiva e ele mandou nomear uma moça que ele criou, como professora do Aterrado, a qual lecionou uns 3 meses e foi lecionar no Rosário.

Então o Sr. Zé Pires nomeou a minha filha Maria de Jesús Negreiros, como professora da Escola Melo Viana, na Ponte do Carmo.

Arranjei com o Caio a casinha para cá da ponte, na beira da linha. Pedi para o Zé Gorgulho trazer as carteiras e instalei a escola com 40 alunos matriculados, pertencendo a Pouso Alto, sendo o inspetor municipal o Sr. Paiva e o prefeito o Sr. Zé Pires. Por esta ocasião a Landinha já tinha vindo de Campanha, onde estudou no colégio Sion uns 2 anos. O cumpadre Zé Gorgulho pediu-me para ela vir ficar aqui no Aterrado com a Aninha, sua esposa. Ela foi e ensinou 10 alunos da professora que tinha ido para o Rosário.

No fim do ano, falei com o Caio e Alaíde que queria uma festa no exame das crianças. Foi nomeado para examinador o Sr. José Gorgulho na Escola Melo Viana no Carmo, da professora Maria de Jesús Negreiros. Maria fez as quitandas e mandou para a Alaíde aqui na Fazendinha, onde fizemos a festa. A professora convidou o Sr. Paiva e o prefeito. No dia marcado a Landinha trouxe os 10 alunos do Aterrado e veio ajudar a Zuza receber o prefeito para fazer os exames.

O prefeito foi recebido por grande número de crianças, no terreiro da Fazendinha, que cantaram a canção do soldado. O Sr. José Pires chegou a pé trazendo um bolo que a Maria mandou e mais alguns objetos, presentes para os primeiros alunos. Deixou o automóvel no alto porque a porteira estava fechada, esquecemos de mandar a chave do cadeado. Foram todos cantando pela linha até a escola, perto do pontilhão. Fizeram o exame e voltaram cantando e dando vivas ao prefeito. De tardezinha voltamos para Pouso Alto, eu, Zuza e Landinha, no automóvel do prefeito.

10 – AS GALINHAS E O BOLO ENVENENADO

Eu na Chácara negociava de tudo: gado de corte, tirava um pouco de leite e o meu negócio de balcão. Tinha uma grande freguesia: Florentinos, Cachoeira, Campo Alegre, Ribeirão e até da Vargem. Tinha fregueses que traziam queijos, galinhas, etc. Eu tinha um grande galinheiro. Comprava todas as galinhas daquela zona e vendia em São Lourenço ou mandava para o Rio em comissão. Arrumei um comprador de galinhas em Cruzeiro, que era agente da Estação Central. Homem bom, muito sábio e correto no pagamento. Uma vez recebi uma carta dele pedindo que eu mandasse bastante galinha para D^a Maria José em Cruzeiro. Ele pagava bom preço e pagava as contas certas com cheque visado. O Zé Siqueira negociava nos Florentinos e comprava galinhas também. Mas os fregueses da Cachoeira passavam na porta da casa dele e vinham trazer as galinhas para mim.

Um dia a Maria levantou cedo, foi tratar as galinhas e achou um bolo na beira da cerca para o lado de dentro. Tinha umas 3 ou 4 galinhas mortas e também uma cachorrinha branca. O bolo estava envenenado. Chamei o Sr. Ismael para ele ver, o que ele disse:

– O que você quer que eu faça?

Eu respondi:

– Nada, só quero que você veja e fique sabendo do acontecido. Começou a chegar gente e começaram os comentários.

O Zé Afonso disse:

– Não é outro senão o Geraldo, filho do Sr. Ismael, que tinha um arrozal ali perto, do outro lado da estrada.

Eu perguntei: – Você viu ele por aqui.

Ele respondeu: – Não, não vi.

Nisto vinha passando o Geraldo com os cargueiros de leite. Chegou, olhou o bolão e desapontado falou com a Maria:

– Que perigo, tem estas crianças andando por aí, e se comessem um pedaço desse bolo assado!

Eu, da janela do meu quarto, falei:

– Oi Geraldo, fala para o Sr. Alexandre vir aqui.

Sr. Alexandre era o delegado. Ele chegando me perguntou:

– Quer que eu chame o Geraldo na delegacia?

Respondi: – Não, não quero.

Devia muita obrigação ao Sr. Ismael e queria bem ao Geraldo. Tive dó dele.

Passado uns tempos, um camarada do Zé Siqueira me disse:

– Fui eu quem fez o bolo e o Zé Siqueira e que jogou aí, passando de madrugada para Itanhandú.

Eu chamei o Zé Afonso e disse:

– Sabia que não era o Geraldo, os filhos do Sr. Ismael são bravos, mas não são covardes.

Um tempo depois eu recebi uma carta da D^a Maria José de Cruzeiro, a quem eu mandava as galinhas. Dizia que eu fosse lá porque o agente da Estação tinha morrido. Eu fui levando as contas feitas por ele. Tinha 8 contos para receber. Procurei D^a Maria José, que me levou na Estação com um cunhado dele. Mostrei-lhe as cartas e as contas, o que ele disse: – A viúva não paga essas contas.

D^a Maria José era amante dele. Ela prometeu pagar. Mas ficou só promessa.

Chegando em casa eu fechei o negócio de balcão porque tinha muito fiado. Vendi o gado e fiquei tirando lenha no mato do Sr. Alfredo. Minha esposa, com seu forno, fazia biscoitos, pão, roscas, etc. Era muita afamada e tinha muita encomenda. Supria os bares na cidade e vendia na Estação para o Sebastião Nogueira e o Sr. Álvaro Leite, duas a três vezes por semana.

11 – INTIMAÇÃO

Eu já tinha plantado uns enxertos que comprei em Itajubá, um bom pomar já dando laranjas. No fundo da minha horta, em divisa com a Doca, para o lado de lá do rio, era capoeira e morro. A Doca cortando lenha, as ramadas caíram no rio e desbarrancando represando-o, fazendo um quatro no rio, passando para o meu lado. Na ocasião da enchente represava e enchia a minha vargem. Eu fui com um camarada, o Zé de Paula, mandei ele limpar o rio velho, o leito que estava entupido.

Por esta ocasião já estava mandando na nova política o prefeito Zé Pires. Tinha chegado um delegado de policia. Um dia chegou um soldado lá em casa e me intimou a comparecer na delegacia, amanhã, à 1 hora da tarde. No outro dia almocei, peguei minha bengala e fui. Por esta ocasião o Sr. Paiva já tinha se mudado para a cidade. Vendeu os Florentinos para o Raul Vilela.

Passando na ponte da cidade, estava o Sr. Paiva que me perguntou:

– O que é?

Disse-lhe: – Não sei, vou lá atender um chamado do tenente.

Chegando lá, o tenente puxou uma cadeira na cabeceira da mesa e eu sentei. O tenente perguntou-me se eu tinha entupido o rio. Antes de responder-lhe entrou a Doca de braço com o Zé de Paula, e disparou a falar. O tenente mandou ela ficar quieta e falou para o camarada:

– Fala você.

Ele falou: – Nós limpamos o rio.

O tenente me perguntou se era grande o pedaço.

A Doca disse: – Dá até para fazer uma casa.

Eu disse: – Casa de João de Barro dá para fazer muitas.

O tenente disse: – Isso não é comigo, isto é com o juiz de paz.

Doca recomeçou com a prosódia: – O juiz de paz é genro dele e não gosto dele.

O tenente mandou ela ficar quieta e chamou a ordenança:

– Chama o juiz de paz.

Chegando o Sr. Paiva, eu levantei e disse:

– Eu não aceito o juiz de paz, não que ele não seja competente, pois há tantos anos ele é o juiz de paz de Pouso Alto. Só se o Sr. for com ele lá ver o rio. O tenente disse que ele não podia ir. Eu insisti:

– Quero que o Sr. vá junto, eu mando a charrete lhe buscar.

Saí, fui em casa e mandei a Zuza com a charrete trazer os dois. E vieram. Foram no rio e olharam. Maria ficou fazendo o café. Entraram pela porta da cozinha e o tenente disse para a Maria:

– O seu marido tinha razão.

Tomou café e gostou muito do queijo mineiro. Maria pegou um grande, embrulhou e disse:

– Este o sr. leva.

Ele saiu contente e eu fiquei satisfeito.

12 – O CASO DO BURRO RUSSO

Eu comprei uma bagageira e um burro russo grande para a venda de lenha. Mais tarde comprei um burrinho preto do velho Alfredo por 2 contos com 90 dias de prazo. No vencimento chamei o velho Alfredo para combinar, porque eu não tinha dinheiro para pagar o burro. Ele queria que eu desse o burro russo pelo dele. Eu disse: – Você me volta 1 conto, o russo me custou 3 contos ou então você me dá mais 30 dias para eu arrumar o dinheiro.

Passado uns dias eu vendi o burrinho e a bagageira do velho Alfredo para O Sr. João Francisco, de Itajubá. Ele mandou um camarada buscar o burro, passando pelos Pintos. Eu arriei a bagageira e entreguei ao camarada. Ele levou passando lá pela Estação. O velho Alfredo e o delegado da cidade, que era o Zé Círio Nogueira, foram de automóvel e embargaram a viagem do camarada, soltando o burro no pasto do Bráulio. O camarada voltou e participou-me do ocorrido. Paguei-lhe a passagem de ida e volta para Itajubá, para dizer ao Sr. João Francisco que por mais 1 conto eu mandava o burro russo. Ele já conhecia o burro. O Sr. Ismael trouxe 2 contos para a Maria para pagar o burro.

Daí a pouco chegou lá em casa um automóvel com o delegado, o velho Alfredo e o Júlio Brito, o escrivão, com uma folha de papel almaço e uma caneta na mão. Eu disse:

– Estou esperando receber um dinheiro por esses dias para pagar o velho.

O delegado perguntou-me:

– Por que você não cobra as suas contas de venda a fiado, Sr. Zotinho?

Eu respondi:

– Eu vou somar as contas, e dou a meia para você recebê-las para mim.

O delegado estava na porta e resmungou não sei o que. Saíram, entraram no carro e foram embora.

No outro dia chegou o delegado lá em casa e disse:

– O burro vem aí.

Nisso chegou o burro e o velho Alfredo com o cabresto na mão. O camarada desarriou o burro e perguntou:

– O que eu faço com ele.

Eu lá de dentro respondi: – Entrega para o delegado.

O delegado retrucou: – Para mim não!

O velho Alfredo falou: – O burro vai comigo.

Eu entrei em casa e eles foram embora levando o burro. O velho Alfredo chegando na cidade, o pessoal fez ele doar o burro para o leilão da festa da Santa Casa. Ele foi arrematado por 1 conto e duzentos. O Eduardo da farmácia disse:

– Estes homens são assim, vendem por 2 conto e fazem um barulhão por um burro que não vale a metade.

No outro dia chegou o camarada de Itajubá trazendo uma carta do João Francisco, a qual dizia:

– Fico mais contente de dar mais um conto, mas sem levar o burro russo. Desejo que o Sr. seja feliz no seu negócio aí.

Ficou o comentário na ponte. O Ernani com seu automóvel disse que recebeu 500 mil reis do velho fora o que ele pagou ao delegado. O delegado disse que eu o maltratei muito lá em casa. Que não me levou para a cadeia por causa do Sr. Paiva.

O Joaquim Lucio disse:

– Eu fui delegado aqui em Pouso Alto há muito tempo e nunca vi um serviço deste na Delegacia. O delegado devia dizer que foi por causa da tia dele, que é a D^a Escolástica, que lavou a bunda dele quando ele nasceu.

Eu lá em casa, em conversa com a Bebê, disse que não agia com o delegado, por respeito ao Sr. Paiva.

Sr. Paiva me escreveu uma carta, desculpando-se. Disse que falou com o delegado que fosse lá em casa, como parente, para conversar comigo, quando ele recebeu a queixa do velho, que dizia que o burro não me pertencia. Eu, como sempre gostei de harmonia, fechei a boca e pedi a minha esposa e filhas que também ficassem quietas.

Na véspera do Arimathéa ir embora, eu comprei de um fazendeiro, uma égua com 7 palmos de altura, clinas compridas e pescoço grosso. Fui nela com o Arimathéa nos Pintos e a pus no pasto, na parte de terra que herdei do papai, perto do João Negreiros. Ficou a égua e uma porda, cria dela. Passados uns meses eu voltei aos Pintos e me falaram que tinha pego fogo no pasto há uns 15 dias atrás. Eu fui ver.

O pasto tinha queimado todo e a égua estava lá dentro sem ter o que comer. Quando me viu veio descendo para o meu lado, com o focinho todo sujo de cinza e magra que varava uma agulha. Veio cambaleando para o meu lado. Eu, com Deus sempre comigo, e com a ajuda da minha esposa, agüentava o duro dos revezes da vida. Mas nesta hora, sentei no barranco e chorei doido de dó dela ter passado fome. E acabaram morrendo as duas: ela e sua cria.

13 – DÍVIDAS

Chegando em casa, minha mulher me entregou um bilhete do Dico, gerente do Banco da Lavoura. Que dizia para eu ir lá no outro dia, para regularizar os títulos que estavam vencidos, do contrario ele teria que mandá-los para protesto. Eu não tinha dinheiro nem para a reforma e os juros.

No outro dia levantei bem cedinho e fui lá no Mesquita, na casa do meu compadre Antonio Bernadino, marido da Donana. Ele era meu abonador desde que comprei a Chácara, até agora ele é que assinava para mim, sem prosear. Cheguei, mostrei-lhe o bilhete do Dico, e ele disse:

– Eu vou lá conversar com ele e ver o que posso fazer por você.

Foi e arrumou com o Dico os juros e a reforma em uma letra de 4 meses de prazo.

Combinei com minha esposa de vender a Chácara para irmos morar no Aterrado. Lá tem largueza para trabalhar. Chamei o Geraldo Maciel e ofereci a ele por 20 contos e ele me ofereceu 15. Combinei com ele de hipotecar por 10 contos com prazo de um ano. Levei o escrivão lá em casa e fez-se a hipoteca.

Paguei todas as minhas contas e ainda fiquei com um capitalzinho para negociar em capados e gados de corte com o Luiz, meu cunhado, no açougue. A Maria, como já disse, fazia a despesa da casa com suas quitandas e doces.

Chegando lá em casa, o Caio meu genro, falou que eu não vendesse a morada, que no fim do mês ele me arrumava os dez contos da hipoteca. Mandou a Alaíde trazer-me o dinheiro. Eu falei para ele voltar e falar para o Caio vir cá. Ele veio. Eu fui com ele no escrivão Julio Brito e passamos a hipoteca do Geraldo para ele.

14 – FALECIMENTO DO CAIO

Na fazendinha moravam o Nhonhô, Dr. Oscar Pereira Arruda, e o Caio. O Nhonhô era o mais velho e o Caio o do meio. O Cinhô, Joaquim Pereira Arruda foi o primeiro que casou, com uma filha do Gabriel de Oliveira, no Triângulo. O Nhonhô casou-se com Letícia Costa, tendo duas meninas: Francisquinha e Bernadete. O Caio e a Alaíde com dois: José Joaquim (Zezinho) e Albertino.

Combinara os três a divisão do terreno. O Cinhô ficou com a parte para lá do rio Verde e o Caio e o Nhonhô com a sede da fazenda para o lado de cá do rio. Tiravam leite e tinham um bom gado. Pouco antes de morrer o Caio me contou que tinham vendido uma casa no Rio por 500 contos. Receberam 150 contos, 50 para cada um e o resto a prazo, sendo o credor o Nhonhô, por ser o mais velho. O Cinhô, o mais moço, ficou com os 150 contos, ficando devendo 50 contos para cada um dos irmãos.

Por esta ocasião o Caio já estava doente, mas sempre alegre e cantando. Tomava alguns remédios em São Lourenço e com o tempo a doença foi se agravando.

Os médicos mandaram-no para o Rio. Alaíde deixou os dois filhos pequenos com a Sá Marica e foi com ele. Ficou no hospital quase dois meses em tratamento e não pode ser operado de uréia. Os médicos puseram uma sonda na cintura dele e um vidro para tirar a urina. Tomava muito remédio e uma dieta rigorosa. Falaram que depois que melhorasse, que voltasse para ser operado. E ele sempre alegre. Com o jogo de víspera na fazendinha, os parentes e vizinhos passavam um bom pedaço da noite reunidos. De vez em quando ele pegava o violão, chamava a Alaíde e cantava “O moirão da porteira” e outras.

Numa das noites, terminado o jogo na Fazendinha, o Caio pegou o violão e cantaram o “O moirão da porteira”. Foram deitar. De madrugada ele levantou-se. Alaíde perguntou o que ele ia fazer e ele disse:

– Vou ver as horas e tomar um pouco d’água.

Nisto bateu 4 horas e ele disse:

– Vou tomar água. Foi calçar o chinelo e caiu na cama.

Alaíde gritou o Nhonhô e Sá Marica. Quando chegaram, ele já estava morto. Morreu como um passarinho, como diz o povo. Lá no hospital no Rio havia comungado seguidamente. Aqui, poucos dias antes de morrer, esteve com o padre Hέλvio.

Foi para o cemitério de Pouso Alto. Foi de caminhão passando por São Lourenço. Alaíde rente com ele. Deixou-o só quando o puseram na cova e tamparam. Foi lá para a Chácara junto com a mãe.

O Nhonhô chamou a Alaíde para a Fazendinha. Estava achando falta dela. Disse:

– Continuamos a sociedade do mesmo jeito, eu te dou a metade do leite.

Alaíde foi para a Fazendinha. No fim do mês ele ia a Vigor, trazia as contas e repartia com a Alaíde.

Eu disse:

– Precisa fazer o inventário.

Alaíde queria que eu fosse morar com ela na Fazendinha. A Maria tinha vontade de morar no Aterrado. Eu disse:

– Morar juntos não.

E arrumei a casinha onde o Alberto negociava e onde a Zuza dava aula, pra cá do pontilhão. Peguei o camarada do Caio, que morava lá, e ele fez a casa em outro lugar.



15 - VISITA DO ARIMATHÉA

Lá em Pouso Alto, chamei o Geraldo Maciel e ofereci-lhe a Chácara por 50 contos. Ele não quis e um genro do Banico disse: – Eu dou os 50 contos. Eu disse: – Livre de escritura.

Antes de passar a escritura, escrevi uma carta ao Arimathéa para ele pedir ao diretor e vir passear na Chácara. Veio de trem com o padre Junqueira. As 10 horas fui buscá-los na Estação de charrete. Ele passou o dia lá em casa conversando com os colegas e visitou os vizinhos ali por perto: Sr. Maciel, Pedro Caruncho e outros. Veio com licença de voltar no mesmo dia.

O almoço foi servido às 2 horas e o padre Junqueira disse que precisava embarcar às 3 horas. Falei com ele para o Arimathéa ficar e ele disse:

– O dia é até a meia-noite, se tiver condução.

Falei: – Então ficam que eu arrumo.

Arrumei o automóvel do Vicente Paiva e eles ficaram até as 11 horas passeando na cidade.